



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657

GESTÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO VIA MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA: contribuições das experiências em ambientes virtuais de aprendizagens.

ANA CRISTINA DE MENDONÇA SANTOS
MARIA DE FÁTIMA HANAQUE CAMPOS
ANA MARIA FERREIRA MENEZES

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

Este texto científico apresenta um debate acerca da gestão e difusão do conhecimento via mediação tecnológica em ambientes virtuais de aprendizagem- AVA. Parte da premissa que tais ambientes se constituem em espaços de formação e construção de conhecimento em todas as esferas do cenário educacional. Neste estudo nos interessou responder se existem mecanismos de gestão e difusão dos conhecimentos produzidos na oferta semipresencial. A abordagem metodológica qualitativa traz um recorte da experiência vivenciada na UNEB Campus XI, pela Disciplina TEC II Educação a Distância. Os resultados parciais revelam que a modalidade tem colaborado significativamente para a construção do conhecimento na Universidade, entretanto, ainda existem lacunas sobre a gestão e difusão destes conhecimentos que requer investimentos, pesquisas e novas perspectivas organizacionais.

Palavras-chave: Mediação; gestão e difusão do conhecimento; AVA.

INTRODUÇÃO

Este texto científico apresenta um debate acerca da gestão e difusão do conhecimento via mediação tecnológica em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Parte da premissa que tais ambientes vêm se constituindo em espaços de formação e construção de conhecimento em todas as esferas do cenário educacional, abrangendo desde a formação inicial até a formação continuada se consolidando em espaços formais e informais de aprendizagens. Percebemos neste cenário, que a educação a distância vem contribuindo significativamente para a democratização do processo de escolarização da população brasileira, tal realidade, entretanto, não se encontra ainda consolidada no que diz respeito a gestão e difusão do conhecimento produzido nestes espaços.

Este contexto vem sendo debatido no Campus XI desde o ano de 2012, pelo Grupo de Estudos em Tecnologias e Linguagens - GETEL, e pretendemos dar continuidade com maior embasamento teórico das questões a partir do Projeto de Pesquisa operacionalizado no Programa de Doutorado Multidisciplinar e Multinstitucional em Difusão do Conhecimento da UFBA – DMMDC. Neste texto apresentamos um recorte desta pesquisa respondendo: Como se dá a mediação do conhecimento produzido no AVA? Existem mecanismos de gestão e difusão dos conhecimentos produzidos? De que forma estes conhecimentos vem influenciando na formação dos estudantes?

Nosso objetivo é contribuir para o debate acerca da necessidade de gestão e difusão do conhecimento em ambientes virtuais de aprendizagem, de forma que todos que façam parte do processo possam fazer uso do conhecimento de forma autônoma e construtiva. Nesta premissa, é fundamental a autonomia e autoria dos sujeitos estudantes alterando a concepção de ensino e aprendizagens onde estudantes e professores são emissores e receptores de conhecimento, portanto, co-autores da prática educativa vivenciada. Vale ressaltar que esta crença não minimiza a função do professor, altera, do papel de detentor e centralizador do conhecimento, para mediador, potencializador da construção do

conhecimento pelos estudantes.

Esta lógica se fortalece nos estudos de Freire (2013), Silva (2009), Pretto (2003), Levy(2001), Mata(2003), Caltells (2010), Santos (2006), (ARRUDA; BOFF, 2000), dentre outros, que defendem a aprendizagem como prática do diálogo e da ação, uma pedagogia da práxis construída na interrelação entre os sujeitos. Quanto ao processo de gestão e difusão do conhecimento, para que o conhecimento seja construído e compartilhado com todos, o aprendizado precisa ser interativo e os ambientes precisam ser planejados de forma colaborativa para que a construção e difusão social de conhecimentos sejam defendidos enquanto condição essencial para todos. Os autores que fundamentam esta concepção são Lemos (1999); Alvarenga Neto (2005) e Nonaka e Takeuchi (1997).

O Campo de pesquisa refere-se à experiência semipresencial da UNEB que funciona desde o ano de 2009 em 09 campi envolvendo aproximadamente 27 professores tendo como subsídio a Resolução Nº 1508/2012, que aprova as condições e procedimentos para a oferta de componentes curriculares na modalidade semipresencial nos cursos presenciais de graduação, até o limite de 20% da carga horária total do curso. Apresenta um recorte da experiência vivenciada pela autora no Campus XI, pela Disciplina TEC II EAD nos semestres 2014.1 e 2014.2. A abordagem metodológica de base qualitativa utiliza-se de um estudo de caso, com uso de questionário e observações detalhadas nas interfaces da Plataforma *Moodle*. A observação das relações, produções e dificuldades operacionalizadas no cotidiano do ambiente virtual da Plataforma *Moodle* nos dá indicativos do potencial, e das dificuldades de gestão e difusão do conhecimento no ambiente. Dessa forma, foram observadas as experiências com 2 turmas de estudantes que frequentaram a Disciplina TEC II em semestres subsequentes além da realização de entrevistas com os sujeitos envolvidos.

Resultados parciais encontrados revelam que a modalidade semipresencial tem colaborado significativamente para a construção do conhecimento na Universidade, formação e inclusão digital dos licenciandos, entretanto, ainda existem lacunas sobre a gestão e difusão destes conhecimentos que requer investimentos, pesquisas e novas perspectivas organizacionais.

BASES TEÓRICAS: dialogando com os conceitos.

Esta investigação tem como eixos teóricos três grandes categorias: o conhecimento; o processo de gestão e difusão social do conhecimento e a possibilidade dos ambientes virtuais de aprendizagens contribuírem para este processo. Abaixo faremos uma breve contextualização de cada eixo.

CONHECIMENTO: do latim “cognoscere”.

A palavra “conhecimento” tem sua origem no latim da Roma antiga, vem de “cognoscere”, que podia ser traduzida como “conhecer” ou “saber”. Este termo latino é composto por “com”, “junto” e “gnoscer”, obter conhecimento. Na atualidade diante do avanço das ciências e da tecnologia, da economia globalizada e crescente competição em níveis nacionais e internacionais, o conhecimento vem sendo considerado como elemento capaz de subsidiar a inserção social a todos os cidadãos. Através do conhecimento a população se instrumentaliza para buscar uma participação ativa em todos os setores da sociedade, contribuindo dessa forma para o desenvolvimento individual e social.

Para alcançar a todos, o conhecimento, a sua produção e disseminação, precisam ter alcance democrático. A própria ciência moderna tem de alguma maneira, que recuperar sua autonomia, como afirma Boaventura Santos (2006, p. 09), “Transformar o conhecimento de maneira a torná-lo menos elitista, mais ativo, mais envolvido nas questões de cidadania e menos dependente dos programas e das necessidades do capitalismo”. Nesse sentido, Arruda e Boff (2000) defendem o conhecimento pela práxis, um modelo que se constrói a partir da prática cotidiana de sujeitos em processo de desenvolvimento na educação da práxis:

(...) a concepção de conhecimento da práxis postula como fonte primeira do conhecimento humano a prática; concebe que o ser humano concreto, é ao mesmo tempo, individual e social, e, portanto, que o conhecimento humano nasce de sua prática individual e social. Conhecer tem, por conseguinte, um sentido de experimentar, vivenciar e, a partir daí, conceituar, ganhar consciência. (ARRUDA; BOFF, 2000, p. 21).

Desta concepção surgem as convicções de que o ato de conhecer é um caminho para a compreensão da realidade, e que só possuir o conhecimento não transforma a realidade. Os autores defendem que só a conversão do conhecimento em ação transforma a realidade, Arruda e Boff (2000, p.21), “Chamamos práxis a esta continua conversão do conhecimento em ação transformadora e da ação transformadora em conhecimento”. Ou seja, não é o conhecimento

que gera mudança. É sua utilização para a melhoria das condições de vida das pessoas e das organizações que o tornam um elemento importante. Para que se constitua num instrumento de mudanças sociais o conhecimento precisa ser efetivado em práticas sociais de promoção da democracia, da solidariedade entre as pessoas e organizações. Uma referência para práticas sociais em todas as suas esferas. Ressalta-se que a construção do conhecimento é um processo de interação que implica em reciprocidade, ou seja, o:

(...) ato de conhecer, quando convertido pelo sujeito da ação transformadora, gera ao mesmo tempo uma transformação no próprio sujeito, a práxis e também, portanto, o caminho de construção da consciência humana e universal. (ARRUDA e BOFF, 2000, p. 22).

À medida que as pessoas se apropriam do conhecimento, tem modificado suas estruturas internas assim como modifica as estruturas sociais. Torna-se imperativo neste processo estabelecer parâmetros de compreensão sobre o ato de conhecer, saber como se constrói e como se transfere o conhecimento acumulado pela humanidade, para que seu uso possa ser democratizado. Neste contexto, aponta-se a escola e sua função transformadora, como um dos principais pilares para o processo de consolidar a democracia no país:

(...) compete a educação e a escola, nesse sentido, ser um meio de contestação da ordem dominante, trabalhando para a superação de projetos políticos pedagógicos que conformem os sujeitos aos padrões de exclusões decorrentes do processo capitalista de produção. Criar espaços para que o novo modelo seja problematizado, com vistas a sua superação, é o compromisso que cabe a escola, ainda que a mesma não detenha todas as armas para as transformações das relações vigentes. (MATISKEI, 2006, p. 4).

Para que a instituição escolar possa cumprir com esta função e contribuir para que a população se aproprie e faça uso dos conhecimentos, ela precisa organizar seu currículo e processos gerenciais em consonância com esta realidade, contextualizando-os na comunidade local e global em que está inserida. O sistema educacional vem redimensionando seus processos de maneira a possibilitar novas formas de aprender e ensinar que desenvolvam competências que efetivamente orientem o ser humano para o enfrentamento dos desafios atuais. Compreender e refletir sobre o conhecimento oriundo destas relações e suas alternativas de gestão e difusão, são elementos importantes para o desenvolvimento da sociedade em todos os seus setores.

Gestão e difusão do conhecimento

Segundo Silva (2010) o processo de conhecimento, o seu ciclo de vida, passa por três processos: o **processo de produção** do conhecimento, que depende da aprendizagem individual e de grupo, ou seja, a interação humana para elaboração de conhecimentos, da aquisição de informações, geralmente de fontes externas a organização e pela formulação de propostas de novos conhecimentos; o **processo de validação**, refere-se à avaliação do conhecimento segundo os critérios de cada organização, buscando uma coerência com os objetivos organizacionais e a **integração dos conhecimentos**, introdução dos novos conhecimentos a organização produzindo mudanças desde os níveis operacionais até os níveis estratégicos. No processo de integração, o conhecimento passa a fazer parte da cultura organizacional, integrando o cotidiano escolar.

É possível definir dois tipos de conhecimentos: o explícito e o tácito. O explícito é o que pode ser facilmente transferível, pois é codificável e sistematizado e o tácito ao contrário, não se pode transferir com facilidade, não é codificável nem claro, é fruto das vivências individuais e grupais que ocorrem no interior de cada organização. Para se transferir o conhecimento tácito é necessário observar a prática de cada organização. Ambos os tipos de conhecimentos são guardados pelas pessoas que atuam na organização, dentro dos processos e rotinas diários. Um dos desafios atuais consiste no processo de socialização dos conhecimentos tácitos, na transferência do conhecimento do interior das pessoas e organizações para que todos possam utilizar. Nonaka e Takeuchi (1997) criaram um modelo de conversão de conhecimento denominado **espiral do conhecimento**, onde o conhecimento é criado por meio da interação entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito no ambiente em que o indivíduo, grupo ou empresa atuam. Descreveram quatro modos diferentes de conversão do conhecimento: de conhecimento tácito em conhecimento tácito ou socialização; de conhecimento tácito em conhecimento explícito ou externalização; de conhecimento explícito em conhecimento explícito ou combinação, e de conhecimento explícito para conhecimento tácito ou internalização.

Neste processo, um dos aspectos importantes a ser considerado, diz respeito à consideração do caráter subjetivo dos sujeitos que compõem as relações organizacionais e que, portanto, constroem o conhecimento tácito, no exercício da

experiência profissional. Segundo Nonaka e Takeuchi, para que a conversão do conhecimento tácito em explícito ocorra é importante a existência de cinco condições na organização:

(...) intenção, deve estar associado á intenção organizacional suas metas e objetivos estratégicos; autonomia, possibilidade dos indivíduos criarem novos conhecimentos; flutuação e caos criativo, abertura aos fatos externos e simulações de crise para buscar soluções criativas; redundância, superposição de informações, para que todos tomem conhecimento de tudo; variedade de requisitos, acesso rápido ampla gama e informações necessárias com o menor número de etapas possíveis. (NONAKA E TAKEUCHI, 1997, p.67)

Portanto, a organização educacional como instituição formal responsável pela construção e socialização dos conhecimentos, tem na sua intencionalidade promover as condições necessárias à construção, socialização e armazenamento do conhecimento. Dessa forma, é esperado que seus objetivos, metas e estratégias já se encontrem voltados para a construção e disseminação do conhecimento, e tenha na sua organização, facilidade de cumprir as cinco condições propostas pelos autores acima citados. Contudo, no que diz respeito a mecanismos de comunicação, de veiculação dos conhecimentos e informações a todos os elementos que compõem a comunidade educativa ainda existe um percurso a ser construído.

A gestão do conhecimento é um processo sistemático, articulado e intencional, apoiado na geração, codificação, disseminação e apropriação de conhecimentos, com o propósito de atingir a excelência organizacional. No dizer de Alvarenga Neto (2005) gestão do conhecimento implica:

(...) o conjunto de atividades voltadas para a promoção do conhecimento organizacional, possibilitando que as organizações e seus colaboradores possam sempre se utilizar das melhores informações e dos melhores conhecimentos disponíveis, com vistas ao alcance dos objetivos organizacionais e maximização da competitividade (ALVARENGA NETO, 2005, p.18).

Ou seja, o conceito de gestão do conhecimento parte da premissa de que todo o conhecimento construído pelas pessoas, no interior dos processos e nos grupos de trabalho, pertence à organização. Em contrapartida, todos os colaboradores que contribuem para esse sistema podem usufruir de todo conhecimento presente na organização, desta forma, o conhecimento torna-se democrático e acessível a todos, construído de forma interativa, a partir do compartilhamento das experiências e habilidades individuais adquiridas, o que na maior parte das vezes exige uma interação intensiva e laboriosa entre os sujeitos e o objeto do conhecimento. Só a partir da interação entre as pessoas é possível à conversão do conhecimento tácito em conhecimento explícito, pois:

(...) o conhecimento tácito, por seu turno, é o conhecimento que não pode ser explicitado formalmente ou facilmente transferido; refere-se a conhecimentos implícitos a um agente social ou econômico, como as habilidades acumuladas por um indivíduo, organização ou conjunto delas, que compartilham atividades e linguagem comum. (LEMOS, 1999, p.131)

Nesse sentido, para que as organizações avancem, precisam promover estratégias capazes de integrar as pessoas, para que a partir da atuação individual dos sujeitos possa haver um crescimento coletivo da organização via compartilhamento dos conhecimentos individuais e grupais. O processo de geração de conhecimentos e de inovação vai implicar no desenvolvimento de capacitações científicas, tecnológicas e organizacionais e esforços substanciais de aprendizado com experiência própria. O mais importante não é apenas ter acesso a informação ou possuir um conjunto de habilidades, mas fundamentalmente ter capacidade para adquirir novas habilidades e conhecimentos, ter a capacidade de gerar novos conhecimentos e disponibilizá-los para toda a organização.

Nessa premissa, para que o conhecimento seja construído e compartilhado com todos o aprendizado precisa ser interativo e os ambientes precisam ser planejados de forma colaborativa para que a construção e difusão social de conhecimentos sejam defendidos enquanto condição essencial para todos. Neste contexto, para que a instituição escolar possa cumprir com sua função social e contribuir para que a população se aproprie e faça uso dos conhecimentos, ela precisa organizar seu currículo e processos gerenciais em consonância com esta realidade. Os ambientes virtuais de aprendizagem, possuem em sua concepção esta possibilidade por possuir ferramentas que viabilizam a interação, a construção colaborativa e difusão de conhecimentos para todos.

Educação a distancia e ambientes virtuais de aprendizagem.

Hoje, mais de 80 países, nos cinco continentes, adotam A EAD como modalidade de ensino em todos os níveis de ensino, em programas formais e não formais, atendendo milhões de estudantes. Kensky (2007), Santos (2010), Silva (2012), Moran (2006) dentre outros pesquisadores da área conceituam a EAD como uma estratégia educativa baseada

na aplicação da tecnologia à aprendizagem sem limitação de espaço e tempo. Os sujeitos da aprendizagem interagem via aparato tecnológico requerendo disciplina e autonomia por parte dos estudantes e mediação pedagógica por parte dos professores. Em consonância com esta abordagem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9394/96, apresenta a educação a distância como um processo educativo que acontece com alunos e professores separados espacial e/ou temporalmente. O Decreto Presidencial nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005, que regulamenta o artigo 80 da LDB 9394, sobre a educação a distância traz o seguinte texto:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (BRASIL, 2005).

Com o avanço da tecnologia digital, a web2000, a educação a distância passa a ocorrer nos ambientes virtuais de aprendizagem - AVA, espaços de diálogos essencialmente marcados pela interação síncrona e assíncrona; a primeira corresponde a uma comunicação instantânea que pode ser percebida nos *chats*, onde os sujeitos se encontram ao mesmo tempo com horário marcado; enquanto a segunda, a assíncrona a comunicação acontece cada um ao seu tempo, não requerendo sincronicidade, assim, cada um participa da interlocução quando e onde for mais conveniente para si mesmo, como é o caso dos fóruns de debate e elaboração de textos coletivos nos *wikis*. [1] As atividades assíncronas permitem maior preparo e aprofundamento dos diálogos, pois oportunizam aos estudantes, planejar suas falas, interagir com as falas e contribuições dos colegas e também pesquisar em textos de outros autores antes de enviar sua contribuição, enriquecendo a atividade com produções construídas a partir das reflexões teóricas. Esta modalidade de atividade também tem favorecido aos estudantes mais tímidos, que se sentem mais motivados e encorajados a expor suas ideias no AVA. O AVA favorece iterações e construções colaborativas envolvendo professores e estudantes como co-autores do processo educativo, como afirma Kensky, "... a ação docente mediada pelas TIC é uma ação partilhada. Já não depende de um único professor isolado em sua sala de aula, mas das interações que forem possíveis para o desenvolvimento das situações de ensino". (2007, p. 105).

É neste sentido que Kensky (2007), Santos (2010), Silva (2012) dentre outros pesquisadores da área, ampliam o conceito de EAD e defendem o conceito de EDUCAÇÃO *Online*. O conceito de educação *online* surge com o crescimento da *web* e toma uma dimensão que a faz diferenciar essencialmente da modalidade de educação a distância via meios unidirecionais como correio, rádio e televisão, pois, a modalidade *online* conecta professores e estudantes nos tempos e nos espaços síncrono e assíncrono, dispensa o espaço e físico e favorece convergência de mídias contemplando bidirecionalidade e multidirecionalidade, a partir de redes de colaboração entre todos com todos. Neste processo todos são emissores e receptores, garantindo assim um processo de interatividade e co-autorias.

A educação online exige metodologia própria por que o suporte digital online contempla interatividade e multidirecionalidade em tempo síncrono e assíncrono. A mediação e o desenho didático na tela do computador precisará contar com uma potencialidade comunicativa mobilizadora de interlocução, da docência e da aprendizagem. Trata-se de uma dinâmica favorável a autoria e a colaboração nos diversos recursos do ambiente virtual de aprendizagem. (SANTOS, p. 13, 2010).

Para a autora o grande desafio para a educação *online* não implica apenas na disponibilização de ambientes e interfaces digitais para utilização nos diferentes espaços educativos, para todos, e sim na compreensão desses artefatos como potencializadores de práticas pedagógicas inovadoras que permitam aos aprendizes interações e co-autorias na construção do conhecimento e em seu próprio processo de aprendizagem, implicados com um novo modelo de educação. Esta perspectiva representa um desafio aos professores, por requerer destes, reverem suas posturas pedagógicas. O papel do profissional de educação neste processo é de potencializador do processo de ensino e aprendizagem, aquele que problematiza, desafia e auxilia os aprendizes a construir seus saberes. Defendendo a possibilidade dos novos ambientes de aprendizagens contribuírem com aprendizagens colaborativas. Neste contexto, o AVA pode ser um espaço de formação na práxis e de criação de estratégias que possam desencadear processos significativos, relações afetivas e sociais, onde cada professor constrói processos metodológicos fortalecidos por processos de co-autorias, criatividade e colaboração, que subsidiem processos de construção de conhecimentos colaborativos requerendo mecanismos de gestão e difusão social do conhecimento produzido. Outrossim os ambientes virtuais de aprendizagem apresentam uma possibilidade de construção e difusão social do conhecimento para todos, porém, poucas investigações sobre a gestão do conhecimento produzido neste espaço revelando um demanda de

pesquisas que precisam ser efetivadas.

A PESQUISA: caminhos percorridos e a percorrer

A pesquisa tem como finalidade de estudo investigar todos os professores que fazem parte da experiência semipresencial da UNEB, totalizando 27 docentes distribuídos em 09 Departamentos, 09 campis, totalizando 810 estudantes. O objetivo é enriquecer o processo de formação docente dos cursos presenciais, utilizando-se das ferramentas metodológicas disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem da Plataforma Moodle. Neste estudo, iremos apresentar um recorte dos dados de apenas um Campus, envolvendo duas Disciplinas semipresenciais, totalizando como sujeitos da pesquisa 02 professores e 89 estudantes.

O problema de pesquisa que nos propusemos em responder foi identificar a existência de processos de gestão e difusão do conhecimento no ambiente virtual de aprendizagem, operacionalizado pela modalidade semipresencial da UNEB, na concepção dos sujeitos envolvidos nas Disciplinas semipresenciais.

Como procedimento de investigação utilizamos a pesquisa qualitativa e como técnica de coleta de dados foram realizadas observações e entrevistas de caráter semiestruturado. As observações foram realizadas no AVA, em suas diversas interfaces: Fóruns de Debate; Chats, Mídiateca; Murais; wikis etc... A coleta de dado aconteceu durante o exercício das práticas pedagógicas mediadas pelas tecnologias e nos usos das interfaces do AVA, investigando os diálogos nos fóruns e as produções. Para realização das entrevistas optamos pela utilização do *chat* no próprio ambiente.

Abaixo sistematizamos alguns dados preliminares, referentes a um dos Campis que está sendo investigado:

Quadro 01: Formação e Concepções das professoras sobre o AVA

Categorias	Prof 01	Prof 02
Formação em EAD	SIM	SIM
Experiências anteriores em EAD	SIM	NÃO
É possível a construção de conhecimentos significativos e contextualizados no AVA?	SIM	SIM
A prática educativa vivenciada no AVA promove construção do conhecimento de forma diferenciada da presencial?	SIM	NÃO
A prática educativa vivenciada no AVA promove produções colaborativas ?	SIM	SIM
Defende o AVA como espaço significativo de formação ?	SIM	NÃO

Fonte: Pesquisa EAD em Serrinha Grupo GETEL, 2014.

Os dados observados revelam que o grupo de professores que atuam na modalidade semipresencial possuem a formação específica para atuar na educação a distância e que acreditam no potencial de construção colaborativa do AVA. Entretanto, percebemos diferença entre as concepções defendidas. Uma das professoras defende que o AVA promove construções de conhecimentos de forma diferenciada se constituindo em um espaço significativo de formação, já a segunda professora defende que não, que a falta de contato direto com o estudante deixa margem para reprodução do conhecimento pelos mesmos. Sobre esta questão as professoras alegaram: "O ambiente permite que os estudantes exercitem sua autonomia, respeitando o tempo e as individualidades de cada um. Existem facilidades no AVA que a oferta presencial não favorece, enriquecendo as possibilidades formativas desta modalidade." (Professora Xy). Em oposição a esta premissa, a professora Bc afirma: "Não acredito nesta modalidade, creio que os estudantes não se dedicam e copiam muito o conhecimento. Na sala presencial sabemos quem sabe e quem não sabe".

Percebemos pelo exposto que o processo educativo operacionalizado via mediação tecnológica nos ambientes virtuais de aprendizagens, ainda divide o corpo docente das instituições. Tal constatação aponta para a necessidade de estudos e debates acerca da temática de forma a garantir que o conhecimento sobre a educação a distância possa promover o desenvolvimento da mesma.

Quadro 2: Concepções das professoras sobre gestão e difusão do conhecimento

Categorias	Prof 01	Prof 02
Tem conhecimento sobre processos de gestão e difusão do conhecimento?	SIM	SIM
Divulga a experiência em Relatórios ou artigos em Eventos e Seminários	SIM	NÃO

científicos?(Difusão)		
Construiu alguma estratégia específica de gestão do conhecimento no AVA?	NÃO	NÃO
Os estudantes participam da gestão do conhecimento no AVA?	SIM	NÃO
Identifica alguma estratégia de difusão destes conhecimentos na Universidade?	NÃO	NÃO
O AVA possibilita ferramentas diferenciadas de gestão e difusão do conhecimento?	SIM	SIM

Fonte: Pesquisa EAD em Serrinha Grupo GETEL, 2014.

Em análise aos dados observados no grupo de professores que atuam na modalidade semipresencial, possuem conhecimentos conceituais sobre o processo de gestão e difusão do conhecimento, todavia, identificamos que apenas uma professora realiza socializações dos conhecimentos produzidos e que ambas, desconhecem mecanismos de difusão do conhecimento produzido dentro da Universidade. Afirmam que o conhecimento produzido fica restrito aos estudantes que o elaboraram.

Segundo as professoras investigadas, não existem processos de gestão nem difusão do conhecimento produzido no AVA, para além do espaço virtual. Para apenas umas das professoras, a gestão do conhecimento produzido, também pode ser compartilhada com os estudantes.

Mais uma vez fica explícito que a realidade vivenciada na educação a distancia não é uniforme e que demanda ainda muitos investimentos e investigações sobre as experiências vivenciadas para que possamos contribuir com a melhoria desta modalidade de ensino. A gestão do conhecimento no meio educacional, especificamente nos ambientes virtuais, ainda é muito pouco difundida o que ocasiona em retenção dos conhecimentos produzidos e conseqüentemente, menor evolução da temática entre os docentes.

Quadro 03: Concepções dos estudantes.

Categorias	Respostas			
	Sim	%	Não	%
Formação em EAD	30	27%	59	73%
Constrói conhecimentos de forma colaborativa no AVA	84	95%	05	4,5%
Sabe o que é gestão do conhecimento ?	05	4,5%	84	95%
Acredita que o conhecimento é gerido no AVA?	89	100%	0	0%
Participa deste processo?	0	0%	89	100%
Difusão. Socializa os conhecimentos construídos, entre os colegas no AVA ?	80	90%	09	10%
Socializa os conhecimentos construídos, entre os colegas da Universidade?	0	0%	89	100%
Tiveram acesso á conhecimentos produzidos em outras salas do AVA/UNEB?	0	0	89	100%

Fonte: Pesquisa EAD em Serrinha Grupo GETEL, 2014.

Os Dados dos estudantes revelam pouca inclusão digital dos mesmos, apenas 30 estudantes, representando 27% da amostra investigada já haviam participado de cursos na modalidade a distancia e faziam usos sistemática dos emails. Apesar disso, quase que a totalidade dos estudantes 95% consideram que estão construindo conhecimento colaborativamente dentro do AVA. Esta reflexão demonstra o potencial de construção de conhecimentos colaborativos com o uso das ferramentas do AVA e as contradições inerentes ao processo de ensino e aprendizagem nos ambientes virtuais. Conceitualmente, os estudantes defendem a possibilidade de construção coletiva do conhecimento, entretanto, na prática possuem poucas vivencias nesta direção.

Com relação á gestão e difusão dos conhecimentos, os estudantes desconhecem os conceitos e acreditam que só existe socialização dos conhecimentos produzidos apenas entre os participantes da Disciplina. O conhecimento produzido é gerido apenas pelo professor, que organiza e mantém o controle sobre esta produção. Ao serem questionados sobre a difusão do conhecimento produzido os estudantes alegam que estes, são difundidos apenas entre

os pares, dentro do próprio ambiente, não estendendo aos demais colegas da graduação. O mesmo no que se refere ao acesso aos conhecimentos e debates realizados em outras Disciplinas da oferta semipresencial da UNEB. Não existe socialização das vivências e experiências produzidas. Este dado revela a ausência de mecanismos de difusão do conhecimento produzido na Oferta Semipresencial, acarretando em prejuízos para o avanço do debate sobre a educação a distância na Universidade. Podemos concluir com estes dados preliminares, que existe uma demanda de estudos e difusão do conhecimento produzido no AVA/UNEB, que envolvam não apenas os estudantes da Disciplina, mas toda a Universidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A experiência tem nos revelado que apesar de todo potencial colaborativo e interativo dos ambientes virtuais de aprendizagens, estes ainda são utilizados de forma bastante instrumental, centralizado na figura do professor que dita regras e realiza as mediações e intervenções. Defendemos dessa forma, outra concepção, que se fundamenta na interatividade e descentralização da emissão e recepção das mensagens, construções e intervenções produzidas nos ambientes. Esta investigação revela que são muitas as barreiras a desconstruir para que de fato os ambientes virtuais de aprendizagens possam contribuir para processos de gestão e difusão de conhecimentos para todos. Convivemos com um sistema que de fato não funciona para garantir espaços de diálogos e trocas mediados pelas tecnologias; no currículo da formação inicial que ainda é insuficiente para o aprofundamento teórico sobre esta temática; a resistência e preconceito por parte da comunidade educativa em conceber as tecnologias da informação e da comunicação como importantes aliadas ao processo de construção e transformação educacional ora em curso e, finalmente a quase inexistência de mecanismos de gestão do conhecimento no espaço escolar, dificultando sua difusão social para todos, entretanto, podemos afirmar que os dados parciais da pesquisa revelam que existem experiências exitosas que podem contribuir para seu avanço.

Esta é uma das finalidades deste estudo, contribuir com o debate acerca do papel do conhecimento na sociedade atual, estabelecendo relações entre seus processos de gestão e difusão em ambientes virtuais de aprendizagem, espera-se ao final levantar alguns indicadores sobre a experiência semipresencial da UNEB com vistas a melhor difundir os conhecimentos produzidos nos 09 Campuses que oferecem esta modalidade.

[

REFERENCIAIS

ALVARENGA NETO, Rivadavia C. Drummond de. **Gestão do conhecimento em organizações**: proposta de mapeamento conceitual integrativo. 2005. Tese Doutorado em Ciência da Informação – Escola de Ciência da Informação, UFMG, Belo Horizonte.

ARRUDA, Marcos e BOFF, Leonardo. **Globalização - Desafios sócio econômicos, éticos e educativos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** – Brasília: MEC, 1996.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**, vol.3, SP: Paz e Terra, 2010.

LEMONS, Cristina. **Inovação na era do conhecimento**. In. LASTRES, M. M. Helena; ALBAGLI, Sarita (Orgs). Informação e globalização na era do conhecimento. Rio de Janeiro: Campinas, 1999.

MATTA, Alfredo. **Comunidades em rede de computadores: abordagem para Educação a Distância – EAD acessível a todos**. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a distância, 2003. Disponível em <http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>
Acesso em Abril de 2013.

MATISKEI, Angelina. R. M. **Políticas Públicas de Inclusão Educacional**: Desafios e perspectivas. In Revista da Escola Superior do Ministério Público, UFPR, 2006.

NONAKA & TAKEUCHI. **Criação de conhecimento na empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
SANTOS, Boaventura. **O futuro da democracia**. In: Visão, agosto, Portugal, 2006.

SANTOS Edméa. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. IN: SILVA, Marco; PESCE, Lucília; ZUIN, Antônio (Orgs. Educação **online: cenário, formação e questões didático-metodológicas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

SILVA, Marco (Org.) **Formação de professores para a Docência online**. São Paulo: Editora Loyola, 2012.

Ana Cristina de Mendonça Santos. Professora Assistente UNEB; Pedagoga. Mestre em Políticas Públicas e Gestão do Conhecimento UNEB; Pesquisadora Líder GETEL; Doutoranda DMMDC/ UFBA; Bolsista Fapesb.
Maria de Fátima Hanaque Campos; Professora Titular UNEB; Professora DMMDC/UFBA.
Ana Maria Ferreira Menezes; Professora Plena UNEB; Professora DMMDC/UFBA.

Recebido em: 19/07/2015

Aprovado em: 21/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: